

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Coordenação de Jornalismo
Dayse Luan Silva Rodrigues
Laila Caroline Silva de Melo
Monalisa Pedroso Moraes

Reflexos de Mulheres

Trabalho de Conclusão de Curso feito na forma de projeto experimental

Goiânia, outubro de 2009.

Reflexos de Mulheres

Trabalho de Conclusão de Curso feito na forma de projeto experimental

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), feito na forma de projeto experimental, das acadêmicas Dayse Luan Silva Rodrigues, Laila Caroline Silva de Melo e Monalisa Pedroso Moraes, do curso de Comunicação Social – Bacharelado em Jornalismo. Tal trabalho foi orientado pela professora Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, outubro de 2009.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Coordenação de Jornalismo
Dayse Luan Silva Rodrigues
Laila Caroline Silva de Melo
Monalisa Pedroso Moraes

Reflexos de Mulheres
(Vídeo-documentário com depoimento de mulheres)

Projeto experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo

Banca Examinadora:

Ana Carolina Pessoa Rocha Temer

Angelita Pereira Lima

Agradecimentos

Há muitas pessoas a quem temos que agradecer. Em primeiro lugar, a família e aos amigos de cada uma das realizadoras, pois eles nos apoiaram durante todo esse tempo, compreenderam os esquecimentos, a falta de tempo, de paciência, a correria, as ausências. Além de terem proporcionado momentos para aliviar toda a tensão que se acumulava.

Por acreditar nesse projeto, confiar em nossa capacidade de execução, aceitar nos orientar, entender e ajudar com nossos desesperos ao longo do desenvolvimento desse documentário, agradecemos a nossa orientadora, professora Ana Carolina. Assim como somos gratas também aos amigos Vandrê Abreu e Luísa Maranhão, por terem paciência em ver e rever o filme quantas vezes pedimos para, logo em seguida, nos dar palpites, opiniões, ideias. Ao Vandrê, somos ainda imensamente gratas por ter feito a bela sinopse para nosso documentário.

Agrademos a Rosary Esteves pela fotografia destaque no final do vídeo. A nossa amiga, Marina Muniz, por ter se disponibilizado a fazer o ensaio fotográfico, o qual resultou na foto da capa e nas passagens. Ao amigo, Kaíque Agostineti, por ter tirado a foto das três mulheres que são da mesma família, especialmente para este trabalho, e também por ter feito o making off de uma das entrevistas. Além de todas as outras amigas que cederam as fotos que fazem a abertura e o encerramento do filme.

Pelo apoio técnico, somos agradecidas a muitas pessoas que tiraram as dúvidas que surgiram durante a execução do vídeo-documentário, principalmente no período de edição. São elas: Aron Piloto, Victor Hugo de Araújo, Tatiane de Assis, Pedro Ivo, Kaíque Agostineti, Carlos Filho, Wanderson Barcelos, Breno Zanetti, professor Rafael e Dustan Oven.

Pela trilha sonora, agradecemos ao Tonzêra, o Tom, por ter nos apresentado algumas composições para que pudéssemos escolher a mais adequada ao nosso vídeo. Da mesma maneira, somos gratas aos compositores da música tema, Denio de Paula e Emanuel Mastrella, por terem nos concedido o direito de usá-la.

Nossos sinceros agradecimentos a cada uma dessas pessoas. Obrigada por tudo!

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores”.

Cora Coralina

Resumo

Este vídeo-documentário abre espaço para a discussão sobre a presença de estereótipos de gênero, e especificamente do gênero feminino, em nossa sociedade. Para isso foram gravados depoimentos de mulheres contando suas experiências de vida e opiniões acerca de seis temas: amor, sexo, profissão, família, morte e vaidade. Os depoimentos mostram que, mesmo tendo em comum o sexo e viverem em uma mesma sociedade, essas mulheres possuem experiências e opiniões ímpares e são pessoas diferentes. O objetivo do trabalho é apresentar o universo feminino por meio da desconstrução dos estereótipos de gênero.

Abstract

This documentary video opens space to the discussion about the presence of kinds of stereotypes, specifically the female kind, in our society. For this, had been recorded women's testimonies telling hers life's experiences and opinions about six themes: love, sex, profession, family, death and vanity. The testimonies show that, even if the women have in common the sex and live in the same society, they have experiences and unique opinions and are different people. The objective of the labour is to present the female's universe across the deconstruction of the kinds stereotypes.

Palavras-chave:

Gênero, mulheres, experiências, diferenças, estereótipos.

Key-words:

Kinds, women, experiences, differences, stereotypes.

1 – INTRODUÇÃO

Vídeo-documentário estruturado em depoimentos, mostrando trechos de experiências de vida e opiniões de cerca de vinte mulheres, no que se refere a seis temas: amor, sexo, profissão, família, morte e vaidade.

Partimos da concepção que apesar dos movimentos feministas¹ terem conseguido grandes conquistas, ainda existem desigualdades entre homens e mulheres no campo da família, do trabalho e dos direitos sociais² (MUNDIAL, CEPIA, 2003).

Assim como as transformações culturais vem levando a uma demarcação menos diferenciada entre o masculino e o feminino também têm contribuído para a redução das diferenças entre gêneros, no sentido de estabelecer, em alguns campos, expectativas de comportamento e oportunidades mais similares para homens e mulheres (MUNDIAL, CEPIA, 2003).

De acordo com relatório do Banco Mundial em parceria com a Cepia, nas últimas décadas do século passado, as mulheres brasileiras alcançaram melhorias expressivas em suas condições de vida, com a diminuição da desigualdade de gênero e obtiveram significativos ganhos em seus direitos. “Não obstante esse progresso, persistem muitos desafios” (MUNDIAL, CEPIA, 2003, p.04).

Ao mesmo tempo que mostra mudanças o relatório revela o peso das desigualdades de gênero. O estudo aponta que mesmo em locais que as mulheres tem maior grau de escolaridade, os domicílios encabeçados por elas, tem uma probabilidade maior (46%) de serem pobres do que os domicílios dirigidos por homens (MUNDIAL, CEPIA, 2003).

Costa, por sua vez, diz que é revelador “o fato de a mulher ainda ser enquadrada em grupo e papéis tradicionais e estereotipados, representativos de um status social ainda inferior, marcado por traços como dependência, vulnerabilidade, futilidade, em uma representação dicotomizada das relações entre gêneros feminino/masculino” (COSTA, 2009, p 01).

Assim, mostramos no vídeo-documentário como esses estereótipos apontados por Costa (2009) se fazem presentes em nossa sociedade. Segundo Melo (2009) etimologicamente, o termo estereótipo:

¹ O feminismo é o movimento social que surgiu no final da década de 1960 nos países de capitalismo avançado: Estados Unidos, França, Alemanha, Itália e Inglaterra, questionando a divisão tradicional de papéis sociais entre homens e mulheres e desnaturalizando o social, na medida que compreendeu a identidade feminina como histórica e socialmente construída e não biologicamente determinada. Assim, as mulheres puderam se afirmar como sexo na sua singularidade irredutível, reivindicando um espaço de atuação política e de luta por seus interesses específicos. Inaugurava-se um campo de reflexão polêmico e rico no interior das ciências sociais (Franchetto apud Stela N. Meneghel, 2009)

² *Questões de Gênero no Brasil*, estudo publicado em 2003 pelo Banco Mundial em parceria com CEPIA.

deriva de duas palavras gregas *stereo* (rígido) e *tipo* (traço), e refere-se a "*tornar fixo, inalterável*" (FERREIRA apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009). Aplicado à Psicologia, este termo designa um sistema de crenças compartilhadas acerca de atributos, geralmente traços de personalidade ou comportamentos costumeiros, atribuídos a determinados grupos (RODRIGUES, ASSMAR & JABLONSKI apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009). É uma construção cognitiva ou sócio-cognitiva a respeito de características compartilhadas por determinados grupos. Enquanto construção cognitiva, os estereótipos assemelham-se aos esquemas cognitivos que são estruturas formadas a partir de nossas experiências passadas, compostas por uma associação de variáveis que permitem aos indivíduos compreenderem as suas próprias experiências e a organizar a ampla variedade de informações que possuem sobre si mesmos e sobre os outros (MARKUS, MARKUS, CRANE, BERNSTEIN & SILADI apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009) (MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009).

Os estereótipos, ainda segundo Melo (2009), funcionam como lentes que filtram as informações, retém, organiza e estrutura somente estímulos considerados referentes à estrutura cognitiva. "O resultado desta organização é um padrão perceptivo, o qual será utilizado como base para futuros julgamentos, decisões, inferências e predições sobre o si mesmo e sobre os outros" (MARKUS apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009).

Desse modo, por ser uma imagem mental, o termo estereótipo se refere a duas ideias centrais: a) construção subjetiva que inclui crenças, expectativas, atribuições causais, o que significa que os estereótipos não coincidem com a realidade e b) um estereótipo não está composto por um único pensamento ou ideia singular senão por um conjunto organizado de ideias que se acoplam entre si. (BARBERÁ apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009). O vídeo-documentário alia esses dois pontos, ao de que na verdade os estereótipos não condizem com a realidade e que eles unem vários conceitos em uma única construção.

Aqui, o vídeo recorre a ideia de estereótipo aliada ao gênero. Melo (2009) afirma que nos estudos de ciências humanas e sociais aliou-se o conceito de estereótipos ao de gênero, ou seja, forma-se os estereótipos de gênero. Nestes estudos, os traços de personalidade são agrupados em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sócio-cultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade. A masculinidade e a feminilidade, assim, são construções sociais que definem características pertinentes a homens e mulheres (MELO, 2009).

É importante inicialmente definirmos o que denominamos como gênero. A historiadora Joan Scott propõe o Gênero como categoria de análise histórica. Ela o conceitua como um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma primeira forma de significar as relações de poder. “No seu uso recente e mais simples, ‘gênero’ é sinônimo de ‘mulheres’.” (SCOTT, 1989).

Para Scott, o Gênero é composto por quatro elementos que funcionam de maneira articulada, mas não obrigatoriamente ao mesmo tempo. São eles os símbolos sociais, conceitos normativos, instituições e organizações sociais e a identidade subjetiva de cada sujeito. A articulação desses elementos irá compor, papéis, crenças, valores e relações de poder (IPAS, 2009).

Assim podemos dizer que a questão de gênero vai além da diferenciação do sexo físico, ele integra a identidade e subjetividade de homens e mulheres, que traz consigo princípios, valores e culturas. Para Temer (2009), “O conceito de gênero, portanto, remete à ideia de categoria relacional do feminino e do masculino, mas sempre analisando esses comportamentos como produtos de um contexto histórico-cultural e político, ou como o resultado de uma construção social”.

Costa afirma ainda que “podemos abstrair um conjunto de valores e papéis, responsáveis pela imagem dominante e idealizada de feminilidade tais como os ideais da beleza, da forma, da domesticidade e da eterna juventude” (COSTA, 2009). Existe também, segundo Costa

nas culturas ocidentais, alguns arquétipos [aqui chamados de estereótipos de gênero] estão associados a macho e fêmea e acabaram determinando o que as pessoas consideram masculino e feminino. Quanto à mulher especificamente, concorrem duas imagens arquetípicas básicas (RANDAZZO apud COSTA, 2009), a da Grande Mãe – que mostra a mulher como eterno ventre, eterna provedora –, e a da Musa, que se traduz pela noção da mulher fascinante, sedutora, fatal. Para a construção deste concorrem a beleza, sempre apontada como aspecto importante de feminilidade, e o ideal de juventude (COSTA, 2009).

Melo (2009) afirma que,

...enquanto construções sociais na qual os indivíduos encontram-se inseridos desde o nascimento, os conceitos de masculinidade e feminilidade acabam por moldar-se na subjetividade individual em estruturas semelhantes aos estereótipos de gênero, denominadas de esquemas de gênero. Subdivididos em dois esquemas distintos - o esquema masculino e o esquema feminino, os esquemas de gênero são construções subjetivas dos conceitos de masculinidade e feminilidade que se encontram presentes no autoconceito³ (BEM, MARKUS apud MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009).

³ Autoconceito, de acordo, com a psicanálise, é o que pensamos que deveríamos ou devemos ser.

Não podemos deixar de citar que assim como novas formas de relações sociais surgem, novos gêneros também. Temer diz que o conceito de gênero passa a abordar homossexuais femininos e masculinos, transsexuais, travestis, bissexuais, entre outros “uma vez que há muito se abandonou a visão dicotômica do masculino-feminino”. (TEMER, 2009)

Muito antes do social, gênero já era conceituado pelo teatro grego na classificação: comédia tragédia. A literatura consagrou o conceito quando passou a definir seus textos em comédia, romance, policial, ficção científica, etc. Os meios de comunicação também passam a utilizar o conceito de gênero para classificar jornalismo policial, jornalismo feminino, jornalismo de entretenimento, entre outros.

O cinema adotou o conceito de gênero praticamente seguindo a linha da literatura: romance, melodrama, suspense, longa, médio e curta – metragens, documentários, e outros mais. O gênero documentário se caracteriza pela exploração da realidade, mas uma realidade subjetiva e parcial. Segundo Nichols (2005) os documentários “representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta.” (NICHOLS, 2005)

Para a comunicação de massa, gênero passa a ser de fundamental importância para a audiência de seus produtos, pois com a padronização dos produtos, já se pode definir o consumidor. O gênero passa a ser visto, portanto, como uma abordagem ritual, uma relação de troca entre o emissor e a audiência, por meio da qual o texto se define. (MARTÍN-BARBERO apud TEMER)

Assim, partimos do princípio que a nossa sociedade atribuí papéis, atividades, responsabilidades, poderes e necessidades relacionadas com o fato de ser homem e de ser mulher, numa dada coletividade e num determinado tempo. Ou seja, os esquemas de gênero determinam à forma como separamos uns dos outros e como esperamos que pensem e ajam. O vídeo-documentário permite discutir esses estereótipos de gênero, no caso, feminino, por meio da voz de mulheres.

A partir dessa voz, experiências foram relatadas, e essas experiências permitiram a identificação de alguns estereótipos os quais afetaram ou não, de alguma maneira, a vida da entrevistada. Pois, segundo Scott “A identidade está amarrada a noções de experiência”. (SCOTT, 1991).

2 - O VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

Fizemos a opção pelo vídeo-documentário estruturado em entrevistas pelo pensamento que o produto desmantela, pelo menos em parte, alguns desses estereótipos de gênero (mulheres) existentes em nossa sociedade. Desse modo, mostra que apesar de terem o mesmo sexo, essas mulheres são pessoas singulares. Para isso, elas falaram sobre experiências de vida e impressões sobre os assuntos referidos. Tal experimento pode mostrar, por exemplo, se a mulher ainda é vista pela sociedade e por ela mesma como um ser que não precisa buscar sua autonomia econômica.

Para tanto buscamos vozes de mulheres, as quais foram tratadas como atrizes sociais. Como na ficção existem atores que representam papéis moldados por roteiristas e diretores, nos documentários as “‘pessoas’ [devem ser] tratadas como ‘atores sociais’” (NICHOLS, 2005, p.31), pois de certo modo, em frente à câmera não somos nós mesmos, não falamos o que realmente pensamos, mas sim o socialmente aceito (NICHOLS, 2005). Assim, buscamos dezesseis atrizes sociais, com faixa etária dos 20 aos 70 anos.

Cada mulher foi eleita por uma particularidade, como, por exemplo, ter sido mãe solteira muito jovem, ser loira, ser motorista de ônibus. Todavia, os enfoques das entrevistas não ficaram restritos a essa primeira imagem, cada qual teve um direcionamento recorrente às falas das mulheres.

2.1 – EXECUÇÃO DO VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

2.1.1 - CRONOGRAMA

	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Realização das entrevistas	X	X	X	X				
Edição do documentário				X	X	X		
Realização de mais entrevistas (caso necessário)				X	X	X		
Finalização da edição							X	
Correções						X	X	
Depósito							X	
Apresentação								X

2.1.2 – CUMPRIMENTO DO CONOGRAMA

Iniciamos as gravações no mês de maio. A primeira ocorreu com três mulheres da mesma família (avó, mãe e neta), e foi o único momento onde uma entrevistada assistiu a filmagem da outra. Porém, percebemos depois de algum tempo que não tínhamos imagem das três juntas, e assim não poderíamos revelar no documentário que elas pertencem à mesma família. Resolvemos tal problema ao tirarmos uma foto delas juntas. Uma dessas entrevistas ficou com uma iluminação fraca o que resolvemos na edição das imagens. Em seguida conversamos com duas jovens, que apesar de terem praticamente a mesma idade, se revelaram opostas na maneira de ser, agir e pensar.

Em junho as entrevistas continuaram, conversamos com duas irmãs, ambas aposentadas. Mais uma vez, uma das entrevistas ficou com uma iluminação fraca, o que também resolvemos na edição. O recurso da foto das duas juntas também foi usado, pois não captamos imagem das irmãs no mesmo ambiente.

Entrevistamos ainda uma professora e uma fotógrafa. Nesta última a câmera apresentou defeitos durante as gravações, a tela da câmera adquiriu um tom esverdeado. Decidimos continuar a gravação, pois cogitamos a hipótese da nova coloração estar apenas na tela e não na fita de vídeo. Após conferirmos as imagens em outro visor, percebemos que realmente estavam com coloração diferente. Depois de conversas com técnicos de edição, tomamos conhecimento que a coloração poderia ser resolvida na edição das imagens. Ainda em junho, marcamos com uma entrevistada que se esqueceu do compromisso e viajou sem nos avisar. A entrevista foi remarcada para agosto.

Julho foi um mês pouco produtivo, já que não foi possível realizar nenhuma entrevista, pois das câmeras cedidas pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, não nos foram disponibilizadas. Isso ocorreu, pois, uma das câmeras mini-dvs foi enviada para o conserto, e a outra, que estava indisponível, depois também foi enviada para a manutenção. As entrevistas restantes tiveram obrigatoriamente que ser transferidas para o mês de agosto. Além disso, foi iniciado o período de recesso da universidade.

Agosto foi o período mais conturbado e preocupante, pois as câmeras mini-dvs ainda estavam na manutenção e demorariam cerca de 20 dias para poderem ser utilizá-las. Assim, tentamos conseguir emprestada uma câmera de vídeo do Projeto Conexões, do Instituto de Ciências Biológicas da UFG, o que não foi possível, pois o Projeto estava passando por reformulações. Com a impossibilidade continuarmos com as demais entrevistas, estas foram

transferidas para o mês de setembro, saindo do nosso cronograma inicial. Então, decidimos editar as entrevistas já feitas.

Com o início do trabalho constatamos que a transferência das entrevistas das fitas para os *i-macs* da faculdade demoraria demasiadamente. Assim, foi necessário adquirir um cabo, o qual passaria as entrevistas direto para um computador portátil. Possuíamos dois notebooks para este trabalho, mas um não possuía entrada compatível para o cabo e no outro, foi recusado o processo de transferência.

Desse modo, pedimos a permissão da diretora da TV UFG, Rosana Borges, para usarmos a ilha de edição da TV. Ela disponibilizou três manhãs, mas sem o auxílio de algum técnico da TV UFG. Perguntamos a opinião do técnico de edição da Facomb, que nos auxiliou em muitas dúvidas, e ele nos alertou que o equipamento da TV possui programas e formatos diferentes dos quais usamos na edição e se fizéssemos a adaptação para o nosso formato de vídeo poderíamos perder qualidade das imagens.

Decidimos então priorizar a qualidade das imagens e utilizar os *i-macs* da Facomb, mesmo o processo sendo mais demorado. Para tentar acelerar um pouco o procedimento de transferência, primeiramente escolhíamos os trechos das entrevistas e passávamos para os equipamentos somente os que utilizaríamos. Porém, adquirimos uma placa *firewire*, que nos possibilitou passar as imagens da câmera de vídeo direto para um computador desktop, o que nos deu independência à ilha de edição da Facomb e acelerou o processo de transferência e consequentemente, o de edição.

Em setembro, com a disponibilidade das câmeras, retomamos as gravações das entrevistas. A entrevista da fotógrafa, feita em junho, a qual ficou com as imagens com coloração esverdeada, teve que ser refeita, pois, apesar de ter sido possível corrigir a cor, comparando-a com as outras imagens do documentário, a qualidade estava muito pior. Mesmo a entrevistada já sabendo o tema e as perguntas, a entrevista ficou interessante.

Fizemos mais sete entrevistas: com a artista plástica que não pode em junho, uma motorista de ônibus, uma manicure, uma médica, uma aposentada, uma dona de casa e uma policial. Nessas sete últimas entrevistas, tivemos menos problemas técnicos, como a iluminação, pois devido a nossa experiência adquirida com as outras nove, já desenvolvemos percepções a respeito de locais, luz, posição e movimentação da câmera. Ainda assim, a entrevista da médica ficou um pouco escura, pois não tínhamos outro ambiente, a não ser a sala de sua casa e ainda pelo horário, já estava escurecendo. Mas foi possível tratar as imagens na edição.

Não foi necessário fazer mais entrevistas. Ficamos satisfeitas com o material gravado e também o tempo de um vídeo-documentário não pode ser extenso, e com mais entrevistas, correríamos o risco de ultrapassá-lo.

Depois de todas as entrevistas gravadas e transferidas para o computador, o processo de edição teve menos conturbações. A maior dificuldade que enfrentamos foi ajustar a fotografia das imagens em um padrão uniforme, porém com a dedicação da editora, conseguimos deixá-las da maneira que queríamos: uma imagem que retratasse o real, já que o intuito do nosso vídeo-documentário é relatar a vida de 16 mulheres.

Além disso, tivemos que fazer um ensaio fotográfico para a capa do documentário e para as passagens que trazem uma frase relacionada aos temas das perguntas do vídeo: amor, sexo, família, profissão, vaidade e morte. Como estávamos sempre relatando o real, essas fotos foram necessárias para que não ficasse algo artificial, como se tivéssemos escolhido desenhos. Para o nome do filme e as frases das passagens, encontramos dificuldades em transformar o texto feito em um tipo de programa para o formato do programa do vídeo. Depois de algumas pesquisas com técnicos e profissionais do ramo, encontramos a solução.

3 – OBJETIVOS

Através do vídeo-documentário procuramos demonstrar que apesar das mulheres brasileiras terem alcançado melhorias expressivas em suas condições de vida, ainda existem e continuam a ser reproduzidos preconceitos para com as mulheres. Assim, vamos discutir o preconceito causado pela criação e proliferação dos estereótipos de gênero, em específico para com a mulher, e analisar se as mulheres percebem e reproduzem tais preconceitos e imagens a seu respeito e como lidam com isso. O documentário também mostrará a subjetividade dessas mulheres, apesar de todas serem mulheres essas pessoas são ímpares, por possuírem uma história de vida particular e com isso, trazer consigo pensamentos e visões de vida igualmente únicas.

4 - JUSTIFICATIVAS

O vídeo-documentário trouxe contribuições em vários âmbitos. A primeira, devido à própria opção do recurso audiovisual, que permitiu persuadir o espectador e mostrar a ele que estereótipos de gênero estão em nossa sociedade. Nichols afirma que os documentários são ‘histórias verdadeiras’ e por isso pedem que acreditemos neles. O autor diz ainda que os

documentários representam o mundo de três formas. A primeira é por meio do mundo que já conhecemos. A segunda por representarem interesses dos outros, como institucionais. Por fim, “os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza do assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões.” (NICHOLS, 2005, p. 30).

No vídeo-documentário, usamos a última ideia, a de influenciar opiniões, o que levou a outra contribuição. Para que essa persuasão fosse conquistada estruturamos o produto audiovisual em depoimentos de atrizes sociais que falaram de experiências e opiniões. O fato das mulheres falarem sobre algo real deu maior credibilidade ao vídeo, além de aproximar o público do assunto, devido à identificação com as histórias e opiniões apresentadas pelas entrevistadas.

As ideias de realidade e de identificação mostradas no vídeo permitiram persuadir os espectadores e mostrar que mesmo vivendo em uma sociedade que adota estereótipos de gênero, nós mulheres somos seres únicos, cada qual com experiências de vida e opiniões diferentes. A escolha dos temas a serem abordados (amor, sexo, família, profissão, vaidade, morte) foi feita visando também à aproximação com o público. Tal aceitação ocorre, pois os assuntos escolhidos fazem parte da vida de todos que assistirão o documentário.

O vídeo-documentário é igualmente válido, pois o tema proposto está centrado em uma discussão que afeta direto, não apenas o universo feminino, mas a sociedade como um todo. Permite reflexões por parte de homens e mulheres acerca desses estereótipos de gênero. As mulheres que assistirem poderão ainda, não apenas se ver como afetadas direto pela estereotipagem, mas também como criadoras e reprodutoras desses, os quais, muitas vezes, podem passar despercebidos perante os olhos femininos.

O produto audiovisual também se justifica, pois discute a desigualdade de gênero. O ato de tornar visível a desigualdade de gênero “é o instrumento principal para sua aceitação social e sua incorporação em leis, práticas ou comportamentos que se estendem aos campos da saúde, da violência, da educação e do trabalho” (MUNDIAL, CEPIA, 2009, p.22).

O projeto experimental ainda é relevante, pois, se desloca do universo do Jornalismo permitindo desse modo, a reflexão sobre aspectos cotidianos que alteram direto e indireto a vida da sociedade. Permite assim, que haja maior senso crítico das graduandas nos aspectos profissionais, pois lidam diariamente com o público, não criando ou reproduzindo estereótipos, não apenas de gênero, mas também de classe, raça e outros mais.

5- METODOLOGIA

O vídeo-documentário foi estruturado em depoimentos. Dezesseis mulheres foram escolhidas por se enquadrarem na faixa dos 20 aos 70 anos e terem histórias de vida interessantes e/ou por suas opiniões. Os depoimentos tiveram uma média de tempo de 30 a 40 minutos, nos quais, no processo de edição, foram escolhidos os trechos mais pertinentes. Entre as entrevistadas existem mulheres que possuem contato direto com as autoras do documentário. Para que houvesse um distanciamento entre entrevistadora e entrevistada optamos pelo revezamento do papel de questionadora na realização dos depoimentos. Todavia, houve perguntas realizadas pelas demais produtoras do filme.

Os temas tratados no vídeo-documentário foram os mesmos para todas as mulheres. Para uma uniformização das entrevistas, ou seja, para que à todas as entrevistadas fossem questionadas as mesmas perguntas, para assim poder mostrar diferentes pontos de vista sobre os mesmos assuntos, houve a elaboração de perguntas padrões. Essas perguntas foram realizadas para todas as entrevistadas. Porém, o enfoque da entrevista dependeu do que as mulheres falaram durante o depoimento, desse modo, uma entrevista abordou mais o tema profissão, e outra, mais o tema família, por exemplo.

Eduardo Coutinho em seu vídeo-documentário *Jogo de Cena* (2007) trabalha com a representação de atrizes sociais perante as câmeras. O cineasta intercala falas de atrizes sociais que contam sobre experiências de vida, com a representação de atrizes já consagradas pela televisão brasileira. Marília Pêra é uma das atrizes que participa do filme, no qual ela se propõe a interpretar a fala de uma mulher que dá um depoimento. Coutinho com esse ‘jogo de cena’ nos mostra que perante uma câmera de vídeo ligada interpretamos, mesmo quando estamos falando de nós mesmos.

Nichols, assim como Coutinho, fala da representação de atores sociais. Segundo o autor, “o grau de mudança de comportamento e personalidade nas pessoas, durante a filmagem, pode introduzir um elemento de ficção no processo do documentário” (NICHOLS, 2005, p.31). Partindo dessas ideias de Coutinho e Nichols, de que mesmo sendo atrizes sociais, as mulheres podem representar, foram tomadas algumas atitudes a fim de diminuir ao máximo a probabilidade dessa representação.

Para isso, foi feito um trabalho de pré-produção, com conversas com pessoas conhecidas das mulheres que foram entrevistadas. Desse modo, pudemos saber quem as entrevistadas são e o que poderiam dizer para que houvesse contribuição ao vídeo-documentário. Foi feita ainda, apenas uma entrevista com cada mulher, pois, partiu-se do

princípio de que com apenas uma entrevista a mulher teve menos possibilidade de interpretar um papel, por não saber quais eram as perguntas. Isso propiciou também, em partes, reações mais verdadeiras, como a surpresa causada por um questionamento, o silêncio por não querer responder, ou não saber responder uma pergunta e principalmente, não permitiu a elaboração prévia de uma resposta. A tentativa de procurar diminuir a representação, mesmo que ela não seja totalmente eliminada, permitiu atingir maior veracidade nos depoimentos.

Os documentários, segundo Nichols (2005), representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico e para isso utilizam sons e imagens. A voz do documentário pode expressar um argumento ou uma perspectiva a fim de convencer seu espectador e ainda “transmite qual é o ponto de vista social do cineasta e como se manifesta esse ponto de vista no ato de criar o filme” (NICHOLS, 2005, p 76).

O vídeo-documentário trabalhou com essa ideia da voz do cineasta inserida no produto por meio de algumas escolhas. Optamos por revelar a presença da entrevistadora, seja por meio da fala que em alguns momentos apareceu, da música, ou do narrador em *off*. Fizemos a opção de não utilizar o melodrama como linha de construção do vídeo-documentário, porém, usou-se uma de suas características, a música. A música foi inserida ao longo dos depoimentos das mulheres e/ou no início e no término do documentário.

6- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a elaboração de um vídeo-documentário foi imprescindível a montagem de um quadro de fundamentação teórica voltado para as áreas de Cinema, Cinema Documentário, Questões de Gênero e Técnicas Cinematográficas.

Em um primeiro momento, buscamos discussões sobre cinema, sua história e teorias. Para tanto, adotamos o seguinte referencial teórico: *O que é cinema* (2008), de Jean-Claude Bernadet, *Introdução a Teoria do Cinema* (2003), por Robert Stam. Em relação ao cinema de modo geral, a leitura foi focada em suas formas e características.

Optamos por não adotar algumas formas e características do cinema clássico hollywoodiano, o qual foi compreendido entre 1917 a 1960 (RAMOS, 2005). A primeira refere-se a umas das características desse cinema. O cinema clássico tem como pai Griffith e possui como característica uma técnica cinematográfica subordinada a clareza, a homogeneidade, a linearidade, a coerência (RAMOS, 2005). Essa técnica foi chamada de transparência, e é ela que permite o conforto do espectador em relação à construção da narrativa.

Propusemos o termo “transparência” para designar a qualidade específica desse tipo de filme, em que tudo parece se desenvolver sem choque, em que os planos e as seqüências se encadeiam aparentemente com toda a lógica, em que a história parece se contar por conta própria (VANOYE, GOLLOT-LÉTÉ, 1994, p.28).

Desse modo, partiu-se da concepção de que a transparência é um elemento que proporciona conforto e instabilidade ao espectador e que ela também pode ser utilizada no vídeo-documentário, optamos por não utilizá-la. Essa opção foi feita, pois esse tipo de técnica cinematográfica não visa causar reflexão, mas apenas divertimento e distração do espectador. O vídeo-documentário, ao contrário, propõe reflexões. Assim, o produto audiovisual foi construído de forma não linear, mostrou cortes, interrupções, materiais e equipe cinematográfica.

A segunda forma estudada é a do gênero melodramático. Oroz (1992) define o melodrama como uma forma cinematográfica que tem como constitutivo: raízes musicais e populares, personagens de características simples, elevado interesse dramático, situações claras e fortes, ação contínua e eixo em valores socialmente aceitos da cultura de massas. Ao melodrama estaria reservada a emoção, o sentimentalismo que atinge o público e provoca lágrimas (OROZ, 1992). Elas “aparecem como o veículo mais apropriado para ‘limpar erros’. As lágrimas redimem. As lágrimas purificam” (OROZ, 1992, p. 12). Porém, não se buscou lágrimas do espectador, mas sim, reflexões. Desse modo, não foi utilizado o melodrama como linha base do vídeo-documentário.

O melodrama como base da construção desse produto audiovisual, não foi levado como uma opção recorrente, pois também consideramos a análise que Ismail Xavier faz em *O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues* (2003). O autor afirma que está arraigado ao conceito desse gênero cinematográfico, a ideia de que seu apreciador não suporta ambiguidades nem a carga da ironia contida na experiência social e apenas entende tramas e personagens simplificado (XAVIER, 2003).

A opção pelo melodrama ainda não foi feita, pois se considerou que existe preconceito para com ele no meio acadêmico. Na academia, o consideram um gênero cinematográfico que objetiva apenas lágrimas e sentimentalismo, e não reflexões profundas acerca de temas considerados recorrentes. Também foi levado em relevância o fato de que ele poderia prejudicar o caráter de reflexão proposto, pois seria um cinema que sugere apenas diversão e relaxamento.

Em um segundo momento de construção do quadro de referencial teórico, deixamos o cinema como um todo e voltamos para o cinema documentário em específico. Buscamos

saber para que serve, sua função social, funcionamento e história. Adotamos para isso, *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*, de Silvio Da-Rin (2004) e *Introdução ao documentário*, de Bill Nichols (2005), o qual serviu como base teórica principal.

Para a construção do vídeo-documentário adotamos o conceito de Bill Nichols (2005) que afirma que todo filme é um documentário. Porém, existem dois tipos deles, os de satisfação do desejo, o que conhecemos hoje através da indústria cinematográfica hollywoodiana, voltada para os filmes de ficção, e por fim, os documentários de representação social, os de não-ficção (NICHOLS, 2005). Assim como Nichols (2005), optamos por designar os documentários de ficção apenas como filmes ficcionais e os de representação social como documentários. De acordo com o autor, os documentários

representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes, também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles, os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendemos. (NICHOLS, 2005, p.26-27)

Segundo Nichols (2005), os documentários podem ser divididos em modos de representação. Esses modos são classificados como: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O modo em que o vídeo-documentário foi estruturado é o participativo, o qual “ênfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda direto” (NICHOLS, 2005, p. 62). Desse modo, construímos o produto audiovisual, por meio da interação entrevistadora/entrevistada. Essa interação deu-se a partir dos depoimentos que foram direcionados através de uma entrevista realizada por uma e/ou as três cineastas.

Em um terceiro momento, aprofundamos no tema do vídeo-documentário, ou seja, em questões de gênero. Para isso, tomaram-se como referências artigos da *Revista de Estudos Feministas* bem como publicações de feministas e estudiosas do cinema e do olhar masculino. Ainda buscamos pesquisas e estudos que falassem sobre as questões de gênero, em particular no Brasil. Adotamos a feminista Virginia Woolf e sua obra *O status intelectual da mulher - um toque feminino na ficção profissão para mulheres* (1997) para discutir a restrição do espaço público e privado da mulher na sociedade.

A leitura nesse momento foi focada na representação e lugar da mulher na sociedade atual. Inicialmente partimos do princípio de que vivemos em uma sociedade em que o poder masculino ainda prevalece. De acordo com Laura Mulvey (1983) o desejo da mulher fica sujeito à sua imagem enquanto portadora da ferida sangrenta [a falta do pênis]. Desse modo, ela deve ceder à palavra, ao Pai e à Lei, ou então lutar para manter seu filho com ela. A mulher assim

existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado (MULVEY, 1983, p.438).

Além dessa afirmação de Mulvey de que a sociedade ocidental ainda é patriarcal, consideramos a construção das relações de gênero. Segundo Pires (2009) as relações de gênero são determinadas pela cultura e pela história, na qual serão construídos valores e comportamentos diferenciados e discriminatórios entre homens e mulheres e, com isso, há a perpetuação no meio social e econômico. “A condição feminina foi representada como passiva e inferior desde a cultura greco-romana, tomando como parâmetro o padrão anatômico, fisiológico e psicológico masculino” (PIRES, 2009).

Essa marginalidade e a falta de poder das mulheres apontadas por Pires e Mulvey, serão refletidas “não só nos modos como se espera que as mulheres falem, mas também nos modos como se fala das mulheres” (ROJO, GALLEGO apud COSTA, 2009). Um exemplo desta afirmativa é apontado por Astrid N. Sgarbieri (2009). A estudiosa faz uma análise da representação da mulher enquanto profissional, pela mídia brasileira, desde a década de 90. Apesar dos avanços nessa representação, na qual a mulher adquire respeito no espaço profissional, ainda percebe-se preconceito explícito para com a profissional, até o início desta década.

Além da profissão, a mulher vivência o preconceito também nos esportes. Quando ela pratica exercícios nos quais existe o predomínio de características consideradas tipicamente masculinas como força, agressividade e violência há o desencadeamento e a aplicação de estereótipos de gênero (MELO, GIAVONI, TRÓCCOLI, 2009). Isto ocorre porque as características do esporte aliada ao sexo da praticante contrariam a “desejabilidade social, a qual se coaduna com as construções sociais de masculinidade e feminilidade” (Giavoni apud Melo, Giavoni, Tróccoli, 2009).

Depois dessas amostras e conceitos, partimos do princípio que estereótipos de gênero interferem na vida e nas relações das mulheres com a sociedade. Para garantir esse princípio,

remetemos a Joan Scott, em seu artigo *Experiência. Tornando-se visível* (1991) que cita a autora Teresa de Lauretis que diz: “Experiência é o processo pelo qual, para todos os seres sociais, a subjetividade é constituída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social” (LAURETIS apud SCOOT). Assim, quando os estereótipos são desrespeitados causam receio e preconceito para com as mulheres, pois ainda vivemos em uma sociedade, uma cultura com conceitos patriarcais.

Recorremos ainda a obras que discutam questões de gênero na história e no cinema, como a Joan Scoot, e sua publicação *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica* (1989). A junção entre cinema e gênero virá através dos escritos de E. Ann Kaplan, em *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera* (1995), e artigos de Laura Mulvey.

Laura Mulvey traz a associação de feminismo à psicanálise para discutir questões tais como o olhar masculino no cinema narrativo clássico, mostrando “como um instrumento político demonstrando o modo pelo qual o inconsciente da sociedade patriarcal estruturou a forma do cinema” (MALUF, MELLO, PEDRO. 2009).

Kaplan e Mulvey afirmam que o cinema clássico não é necessariamente masculino, mas para o possuir e ativar o olhar, devido a nossa linguagem e estrutura do inconsciente, é necessário que esteja na posição masculina (KAPLAN, 1995). No cinema, segundo Kaplan, as ideias de Mulvey, “as mulheres não funcionam [...] como significantes de um significado (a mulher real), mas como significante e significado suprimidos para dar lugar a um signo que representa alguma coisa no inconsciente masculino” (KAPLAN, 1995, p 53).

O cinema hollywoodiano recorre ao mecanismo do voyeurismo⁴ e ao fetichismo⁵ para *construir* o espectador masculino de acordo com as necessidades de seu inconsciente (KAPLAN, 1995). Desse modo, o espectador, obviamente, está na posição de *voyeur* quando há cenas de sexo na tela. Mas, as imagens das mulheres na tela são sexualizadas, “não importa o que elas estejam literalmente fazendo ou em que espécie de enredo estão envolvidas” (KAPLAN, 1995, p 53). Entretanto o problema não está apenas na erotização da figura feminina na tela, mas no fato de que “o homem não olha, simplesmente; mas em seu olhar está contido o poder de ação e posse que faltam no olhar feminino” (KAPLAN, 1995, p 54).

Em um quarto e último momento, buscamos leituras sobre técnicas cinematográficas. A elaboração do Roteiro de Produção bem como direção de câmera terão uma revisão

⁴ Voyerismo é um termo psicanalítico freudiano que refere-se à gratificação erótica em olhar alguém sem ser visto, isto é a atividade de *voyeur*.

⁵ Fetichismo é outro termo utilizado por Freud e refere-se à perversão em que os homens buscam encontrar o pênis na mulher, com o objetivo de alcançar para satisfação erótica.

bibliográfica, proporcionou escolher a linguagem cinematográfica que mais se possa adequar a proposta do vídeo-documentário. Desse modo, foram adotadas as seguintes obras: *Da Criação ao Roteiro*, de Doc Comparato (2000) e *Direção de Câmera – um manual de técnicas de vídeo e cinema*, de Watts Harris (1999).

Jean-Claude Bernadet afirma que “a linguagem cinematográfica é uma sucessão de seleções, de escolhas (...), portanto, um processo de manipulação que vale não só para a ficção como também para o documentário, e que torna ingênua qualquer interpretação do cinema como forma de reprodução do real” (BERNADET, 2008). Partimos dessa ideia de que a linguagem cinematográfica é um processo de manipulação, para adotar formas de construir e produzir o vídeo-documentário que visem reduzir ao máximo a manipulação, e desse modo apesar de não reproduzir o real, seja um recorte de uma realidade que se propôs mostrar.

Um exemplo dessa atitude de tentativa de redução da manipulação é a forma como posicionou a câmera. “A câmera baixa poderá heroizar uma figura se a filmar contra um fundo de céu azul, mas se o fundo for um imenso prédio cinzento, a câmera poderá ressaltar o pequeno tamanho do homem em relação ao prédio, e poderá expressar opressão e sufocamento” (WATTS, 1999, p.40). Assim, optamos em manter a câmera de vídeo na mesma altura da atriz social, o que não a colocou como heroína ou que a reprimiu.

7- CONCLUSÃO

Com a produção deste vídeo-documentário aprendemos muito sobre a alma feminina, as diferentes e interessantes maneiras com que cada mulher percebe a vida. Escutar as histórias de cada uma, rir, se emocionar, se surpreender, junto a elas. Apesar do receio normal de enfrentar uma câmera, elas confiaram em nós e nos falaram sobre suas experiências, o que foi bem significativo, pois nos transmitiu confiança, mostrando que estávamos preparadas para fazer um bom trabalho, finalizar a faculdade com mais segurança e experiência de um dos caminhos de nossa profissão.

Houve ainda o crescimento em relação à técnica de cada uma das produtoras. Primeiramente, conhecemos diferentes lugares da cidade e coube a nós descobrir como chegar ao nosso destino, na maioria das vezes usando o transporte coletivo, o que foi mais um desafio, pois tínhamos que transportar o equipamento com segurança, pois não poderíamos correr o risco de ele ser extraviado ou danificado. Em seguida, tivemos que tentar resolver os percalços que apareciam na hora das gravações, como iluminação, falta de espaço para manusear a câmera, entre outros.

A cada entrevista essa resolução desses problemas era mais clara e fácil. A primeira atitude era verificar a iluminação, depois era praticamente automática nossa percepção sobre a luz, não ficávamos mais testando onde a câmera estava mais bem posicionada. Também não mexíamos mais com o ângulo da câmera, já que percebemos que isso atrapalhava nas edições. No início também, ficamos muito presas às perguntas base, muitas vezes não aproveitávamos ganchos, e também mostrávamos insegurança. Com a evolução das gravações fomos percebendo e já corrigindo esses erros, ficamos menos formais, o que deixou as entrevistadas mais à vontade também.

Além disso, tivemos que saber conciliar as nossas ideias. Trabalho em grupo não é fácil, principalmente um como esse, onde cada uma tem um ponto de vista, que vai desde o ambiente para realizar as entrevistas até a edição das mesmas. Foi necessário aprender a ver e analisar como era cada uma das opiniões. Dessa forma, pudemos crescer enquanto pessoas, nos colocando no lugar da outra, admitir que tal ideia pudesse não ser a melhor em determinado momento e ajudar no desenvolvimento de outra.

Assim, conseguimos desenvolver a realização deste projeto. Montamos o filme de maneira ritmada, com uma sequência interessante. Um depoimento dá brecha para o outro que vem em seguida, em muitos casos, as palavras da declaração de uma entrevistada se repetem ou se encaixam perfeitamente, facilitando a conexão das falas, tornando-as cadenciadas. Ainda escolhemos uma composição com uma melodia que se adequa muito bem ao documentário, sem letra e com uma música instrumental descontraída, o que o tornou leve e gostoso de assistir.

Em uma nova produção começaríamos a edição mais cedo. A princípio, a edição estava prevista somente para quando as entrevistas estivessem finalizadas, mas devido ao problema da disponibilidade das câmeras, começamos mais cedo. Isso mostrou um lado bom, pois ao começar a editar pudemos notar os erros cometidos durante as entrevistas realizadas e corrigir nas que ainda iam ser feitas. Outro ponto positivo foi que os problemas para exportar as imagens se apresentaram mais cedo, o que nos deu mais tempo para procurarmos soluções. Houve muita preocupação, mas se isso tivesse ocorrido somente ao término de todas as entrevistas a apreensão seria bem maior.

Vale destacar que utilizamos o equipamento da faculdade por ser o único que tínhamos disponível e por não termos condições financeiras para adquirir um próprio. Em um trabalho futuro seria melhor se o tivéssemos, pois ficamos muito dependentes da disponibilidade de locação da câmera, e ainda tínhamos que adequá-la aos horários das entrevistadas. Mesmo com tempo durante a semana a maioria das entrevistas foram

executadas aos finais de semana e feriados. Além disso, houve o tempo ocioso das férias, no qual poderíamos ter terminado as gravações e o tempo de espera do retorno do equipamento da manutenção, mesmo após o início das aulas.

É importante ressaltar que não somos peritas nas questões técnicas. Sabíamos o mínimo necessário para se fazer esse documentário, noções de como filmar, manusear a câmera e os acessórios (tripé, fone, cabos, fita, microfone), nomenclatura de ângulos, e um pouco de edição em determinados aparelhos e programas. Mesmo assim, decidimos arriscar e fazer esse projeto, tivemos sempre que buscar alternativas, procuramos ajuda de técnicos no assunto, tivemos que aprender a manusear novos equipamentos e programas, não nos sentimos constrangidas em pedir auxílio.

Além do que, nosso objetivo principal em fazer este documentário era a busca pela o conteúdo, os depoimentos das mulheres para mostrar que não podemos criar um perfil único para as inúmeras mulheres, que elas são sim diferentes e únicas. E também, essa edição de imagens feita sem grandes efeitos fotográficos, não cria um tom artificial de muitas produções e realça a realidade, também pretendida neste projeto.

Talvez, tenhamos sido ousadas em trabalhar com algo que não tínhamos total domínio, mas esse foi o meio que nos pareceu mais adequado para transmitir a mensagem que estávamos buscando, somente um documentário poderia mostrar as emoções sentidas pelas mulheres durante cada entrevista. Por isso, é válido lembrar que procuramos fazer o possível e o impossível para garantir uma boa qualidade técnica, mesmo esse não sendo nosso ponto forte e nosso objetivo principal.

O relatório, também em um futuro trabalho, poderá começar mais cedo, fazendo-se anotações desde o início da produção. Já colocando os acertos e erros que forem ocorrendo, os problemas e soluções, as dúvidas e os esclarecimentos. Isso ajudaria no momento em que fosse preciso lembrar-se de tudo que aconteceu. Além disso, mais tempo para pesquisas e correções sempre é bem vindo.

Com o decorrer das entrevistas, fomos notando que a questão dos preconceitos e estereótipos não é tão clara assim para as mulheres. A maioria delas disse não ter sofrido, ou não ter percebido nenhum tipo dessa discriminação pela sociedade. Somente algumas lembraram situações no trabalho ou no trânsito. Dessa maneira, fomos percebendo que isso não as incomoda tanto como imaginávamos que poderia. Grande parte delas lida com desenvoltura em alguma situação desinteressante, isso nos surpreendeu, serviu de aprendizado.

E essa constatação foi importante para nós. Ao final do documentário percebemos como experiências alheias podem formar e/ou mudar opiniões, começando pelas próprias produtoras. Se fossem gravadas entrevistas conosco antes e depois de todas as mulheres do vídeo, veríamos a diferença de opinião ou alguma impressão antes não percebida. Isso nos faz crê que o nosso documentário pode sim causar reflexão na sociedade e mudar parâmetros, no caso, a visão a cerca das mulheres e do universo feminino.

Assim, a realização deste documentário foi importante em vários sentidos. Nos deu um pouco mais de experiência, de prática para fazer outras produções, para enfrentar, com um pouco mais de conhecimento, o mercado de trabalho. Proporcionou com que cada uma pudesse entender, vivenciar como é a realização de um projeto na prática, nos colocando com os pés no chão diante das realidades, do que se enfrenta para que tudo possa sair do papel e tomar corpo.

Tivemos que resolver os problemas por nós mesmas. Claro, fomos orientadas por professores, recebemos dicas de técnicos, mas quem teve que ir atrás e ver se isso ou aquilo dava ou não resultados fomos nós. Pudemos perceber que as coisas são difíceis, que os problemas surgem de onde menos esperamos, mas que eles podem ser resolvidos, ou pelo menos contornados. E principalmente, somos capazes de encontrar soluções, e mesmo pedindo auxílio, no final quem decidi o melhor caminho somos nós.

Por tudo isso, *Reflexos de Mulheres* não foi apenas um trabalho acadêmico para o final do curso, ele se tornou maior. Com ele pudemos interagir com outras pessoas, conhecer várias histórias, ter novas experiências. Por meio dele foi possível aprender em relação às formas de produção. E principalmente, ele nos fez crescer enquanto pessoas, nos conhecer mais enquanto alunas, futuras jornalistas, amigas e, claro, mulheres.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 17. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos)

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. A pedagogia do movimento feminista na luta contra o preconceito e pelos direitos das mulheres. **Fazendo gênero 7**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/T/Tania_Brabo_15.pdf Acessado em: 28 de junho de 2009.

CITELI, Maria Teresa. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100007%094> Acessado em: 02 de maio. 2009.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COSTA, Ivandilson. Gênero e preconceito: a mulher na/pela publicidade. **Fazendo gênero 7**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/I/Ivandilson_Costa_02.pdf. Acessado em: 28 de junho de 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

FINAMORE Claudia Maria. CARVALHO João Eduardo Coin de. Artigo- Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2006000200002&script=sci_arttext&tlng=eneng. Acessado em: 02 de maio. 2009.

IPAS. **Refletindo sobre o gênero**. Disponível em: <http://www.ipas.org.br/rhamas/refletindo.html>. Acessado em: 20 de maio de 2009.

JOGO DE CENA. Direção de Eduardo Coutinho. Produção de Raquel Freire Zangrandi e Bia Almeida. Rio de Janeiro: Videofilmes / Matizar, 2007.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MALUF, Sônia Weidner. MELLO, Cecília Antakly de. PEDRO, Vanessa. Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: <https://sistema.planalto.gov.br/spmulheres/textos/CEPIA/Questao_de_genero.pdf>. Acessado em: 02 de maio. 2009.

_____. Revisão da tradução: Cecília Antakly de Melo. Ponto de vista - Entrevista com Laura Mulvey. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200008&script=sci_arttext>. Acessado em: 02 de maio. 2009.

MELO Gislane Ferreira de. GIAVONI, Adriana. TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Revista de Estudos Feministas**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000300006&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 28 de junho de 2009.

MENEGHEL, Stela N. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. **Revistas de Estudos Feministas**. <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232005000100018&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acessado em: 02 de maio de 2009.

MUNDIAL, Banco. CEPIA. **A questão de gênero no Brasil**. Brasília: 2003. Disponível em: <https://sistema.planalto.gov.br/spmulheres/textos/CEPIA/Questao_de_genero.pdf>. Acessado em: 02 de maio de 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 2005. (Coleção Campo Imagético).

OROZ, Silvia. **Melodrama: O Cinema de Lágrimas da América Latina**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

PIRES, Vera Lúcia. Do machismo ao gênero: as relações dialéticas entre as feminilidades e as masculinidades transformaram mulheres e homens? **Fazendo gênero 7**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/V/Vera_Lucia_Pires_2.pdf. Acessado em: 28 de junho de 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa (org). **Teoria Contemporânea do Cinema – Documentário e narratividade ficcional**. Volume II. São Paulo: Editora Senac, 2005.

SGARBIERI, Astrid Nilsson. A Mulher Profissional Brasileira: **Fazendo gênero 7**. Preconceitos. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Astrid_Nilsson_Sgarbieri_02.pdf. Acessado em: 28 de junho de 2009.

STAM, Robert. **Introdução a Teoria do Cinema**. 2ª ed. São Paulo: Edirora Papirus, 2003. (Coleção Campo Imagético)

SCOTT, Joan W. **Experiência. Tornado-se visível**. In: LAGO, M.C.S; RAMOS, T.R.O; SILVA, A.L. Falas de Gênero – teorias, análises, leituras. Santa Catarina, Editora Mulheres, 1999, p.21-55.

_____. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Tradução: SOS Corpo. Recife: 1989 .

TEMER, A.C.R.P. **Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino**. Comunicação & Sociedade, Ano 30, n. 51, p. 177-200, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/859/910> Acessado em 19 de outubro de 2009.

VANOYE, Francis. GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1994.

WAATS, Harris. **Direção de Câmera – um manual de técnicas de vídeo e cinema**. São Paulo: Summus, 1999.

WOOLF, Virginia. **O status intelectual da mulher - um toque feminino na ficção profissão para mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. (Org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ANEXO A

ROTEIRO DE PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

Reflexos de Mulheres

Realizado por:

Dayse Luan

Laila Melo

Monalisa Moraes

2009

JUSTIFICATIVAS

Para quê?

Para problematizar os papéis ideais que a mulher deve seguir de acordo com a sociedade brasileira. Mostrando desse modo, que existe preconceito para com a mulher, fato que camuflado e omitido por nosso meio.

Para que possamos mostrar que existem condutas ideais que devem ser seguidas pelas mulheres, e que para isso se afirme, criam-se estereótipos de gênero. Desse modo, demonstrar que apesar de terem o mesmo sexo, são pessoas diferentes e devem ser tratadas como tais.

Definir o conflito

Apesar dos avanços conquistados pelo movimento feminista, em especial o dos anos 1970, existe muito que se adquirir em direitos para a mulher. Um exemplo do que ainda há para se derrubar é o preconceito. A mulher ainda deve assumir papéis ideais em nossa sociedade e para que isso seja afirmado são criadas formas de conduta, os estereotipados de gênero. Desse modo, as mulheres são definidas por padrões de nosso meio e caso não siga os definidos como corretos são direta ou indiretamente repreendidas por suas atitudes, mas muitas vezes, essa repreensão não é percebida. Ao partirmos dessa perspectiva cabe a ela o papel de mãe e mulher. Assim, sexo, profissão e muitos outros temas ainda não as cabem completamente por direito de livre escolha.

Qual é o fio condutor?

A ideia deste vídeo-documentário é demonstrar através de entrevistas com mulheres histórias de vida e visões referentes a seis temas: amor, sexo, profissão, família, morte e vaidade. Desse modo, mostraremos que apesar de terem o mesmo sexo, elas são pessoas diferentes e por isso devem ser tratadas de modo singular.

Proposta Metafórica

Na busca por histórias de vida e percepções acerca de temas, a câmera se fixará frente a mulheres que dialogarão com as diretoras do filme. As histórias e impressões referentes aos assuntos se misturarão de modo que a narrativa seja construída por meio das vozes das mulheres.

O objeto norteador de toda a construção imagética do documentário são os depoimentos. Toda a história se centra neste objeto. Com as entrevistas mostraremos o quanto cada mulher é singular. A voz de cada entrevistada trará suas experiências e impressões à tona. Mostrando desse modo, como são singulares, mas mesmo assim, em alguma situação podem ser forçadas a seguir padrões sociais, estereótipos e quando não os respeitam sofrem retaliações, seja por meio de piadas ou olhares reprovadores.

Qual é o ponto de vista que vamos assumir no documentário?

O ponto de vista que vamos assumir é o das mulheres que através de suas histórias e perspectivas mostrarão que enfrentamos estereótipos de gênero, mas que apesar de termos o mesmo sexo somos pessoas singulares.

Qual é o super-objetivo?

Mostrar, através de um recorte da realidade, que o preconceito para com a mulher persiste, e que apesar de termos o mesmo sexo somos pessoas diferentes.

Qual é o conflito geral e o interno?

O conflito geral é os estereótipos de gênero criados para que haja padronização na conduta ideal das mulheres pela sociedade brasileira. O conflito interno será montado através dos depoimentos das próprias entrevistadas, como inquietações, discussões com a família, experiências profissionais, amorosas, sexuais.

Sinopse

"Longe de se resumir ao universo feminino, Reflexos de Mulheres é um documentário sobre a vida; sobre os seres humanos, representados pela perspectiva de 16 mulheres. Elas se impressionam e impressionam ao falarem livremente sobre seis temas: amor, sexo, morte, vaidade, profissão e família.

Com uma linguagem simples e sincera, mulheres de idades, profissões e culturas diversificadas conseguem estabelecer seus lugares ante às conspirações de uma sociedade predominantemente machista e patriarcal. Reflexos de Mulheres dá a sensação de um grito de liberdade do feminino, da sociedade, da vida, em vozes doces, emocionais e que invadem e destroem conceitos e preconceitos quaisquer." Vandrê Abreu.

Argumento

Partimos da ideia de que existem padrões de condutas sociais a serem seguidos pelas mulheres, com relação à família, ao amor, sexo, profissão, vaidade, que quando são desrespeitados causam preconceito e receio social.

Para que esses padrões sejam seguidos criam-se tipos de mulheres, como; a loira (mulher vaidosa que propõe o diferente) é burra, a mulher no trânsito (ela toma o espaço típico do homem) dirige mal, a mulher que fala de sexo e faz com o objetivo de sentir prazer (direito exclusivo do homem) é considerada promíscua, a que não quer casar (e possivelmente também não deseja ter filhos) é uma aberração social.

Buscaremos mostrar, principalmente, através da voz dessas mulheres que contarão suas histórias e suas impressões sobre seis temas: amor, morte, família, profissão, vaidade e sexo, como elas são diferentes, que têm opiniões e atitudes diferentes referentes à vida, e desejam viver do jeito que escolheram. Com essas vozes mostraremos que apesar de terem o mesmo sexo, elas são pessoas ímpares e devem ser tratadas como tais.

ESTRUTURA NARRATIVA

PROPOSTA 1 (NARRATIVA LÓGICA – ESGOTAMENTO DOS TEMAS)

Situação inicial:

1º P.G: as entrevistadas dizem quem são.

Desenvolvimento do conflito: Uma mulher fala de um tema. Os depoimentos vão se intercalando a medida que elas se contraponham. Assim, quando um assunto se esgota inicia os relatos por outra mulher, não a inicial, que falará sobre outro objeto e a narrativa segue a mesma lógica.

Clímax: Uma mulher, ou várias falarão sobre suas vidas, opiniões, experiências, escolhas.

Desenlace final: Um dos trabalhos de uma fotógrafa, que foi entrevistada para o documentário, deixando uma reflexão da própria fotógrafa em relação a uma visão que ela tem sobre a mulher e seu corpo.

PROPOSTA 2 (NARRATIVA COM INTERCALAMENTO DE TEMAS)

Situação inicial: cenas de mulheres em suas vidas cotidianas.

1º P.G: A câmera mostra uma mulher falando sobre um tema.

Desenvolvimento do conflito: As outras mulheres falam sobre outros temas, e assim vão se intercalando temas e experiências.

Clímax: Momentos mais emocionantes de algumas mulheres durante as entrevistas.

Desenlace final: Intercala-se imagens dessas mulheres em suas vidas cotidianas com dados e imagens acerca dos temas, ao fundo ouvimos a música que dará voz à narrativa.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Busca pelas entrevistadas	X	X						
Realização das entrevistas		X	X	X	X			
Edição do documentário					X	X	X	X
Realização de mais entrevistas (caso necessário)					X	X	X	
Finalização do vídeo							X	X

ORÇAMENTO

Orçamento Documentário	Valor
Equipamentos	
Placa fire-waire	R\$ 60
16 fitas MiniDv	R\$12 X 16 = R\$ 192
1 pen-drive 8 G	R\$ 60
50 dvds	R\$ 40
Total	R\$ 352

FICHA TÉCNICA

Título de Produção:	Reflexos de Mulheres
Gênero:	Documentário
Formato:	Audio Video Interleave (AVI)
Duração:	22 Minutos
Roteiro:	Laila Melo
Produção:	Dayse Luan, Laila Melo, Monalisa Moraes
Direção:	Dayse Luan, Laila Melo, Monalisa Moraes
Imagens:	Dayse Luan, Laila Melo, Monalisa Moraes
Edição das entrevistas:	Dayse Luan, Laila Melo, Monalisa Moraes
Fotografia:	Laila Melo
Aúdio:	Laila Melo
Trilha sonora:	Denio de Paula e Emanuel Mastrella
Edição do vídeo:	Laila Melo
Finalização de edição:	Laila Melo
Locações:	Casa ou trabalho das entrevistadas e as imediações desses locais